

MOBILIDADE SOCIAL, EDUCAÇÃO E AUSÊNCIA DE CAPITAL: UMA ANÁLISE DA OBRA OS SUPRIDORES, DE JOSÉ FALERO | SOCIAL MOBILITY, EDUCATION, AND LACK OF CAPITAL: AN ANALYSIS OF THE NOVEL OS SUPRIDORES BY JOSÉ FALERO

HUGO PAIVA BARBOSA

RESUMO | A obra *Os Supridores*, de José Falero, retrata a trajetória de Marques, um trabalhador marginalizado que busca mobilidade social através do conhecimento adquirido por meio da leitura. Frustrado com a precariedade de sua realidade laboral, ele inicia um comércio ilícito, demonstrando que o aprendizado informal pode ser um recurso valioso de ascensão social para grupos vulneráveis. O presente estudo analisa as relações entre educação e mobilidade social, apoiando-se na literatura e em pesquisas sociológicas para entender como o conhecimento, mesmo fora da formalidade educacional, configura-se como uma ferramenta para superar desigualdades. A pesquisa incorpora as contribuições teóricas de autores como Schumpeter e Bourdieu para discutir o impacto da estrutura social e da posse de capitais sobre a mobilidade. Por fim, explora a interseção entre direito e literatura, propondo uma reflexão crítica sobre as limitações e possibilidades de ascensão social no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE | Mobilidade social. Educação. Vulnerabilidade social. Capital cultural. Direito e literatura.

ABSTRACT | The book *Os Supridores*, by José Falero, portrays the journey of Marques, a marginalized worker seeking social mobility through knowledge acquired from reading. Frustrated by the precarious nature of his work, he initiates an illicit trade, showing that informal learning can be a valuable tool for social advancement among vulnerable groups. This study examines the relationship between education and social mobility, relying on literature and sociological research to understand how knowledge, even outside formal education, serves as a means to overcome inequalities. The research incorporates theoretical contributions from authors such as Schumpeter and Bourdieu to discuss the impact of social structure and capital possession on mobility. Finally, it explores the intersection of law and literature, providing a critical reflection on the limitations and possibilities for social ascent in Brazil.

KEYWORDS | Social mobility. Education. Social vulnerability. Cultural capital. Law and literature.

1. INTRODUÇÃO

Os Supridores, romance de José Falero, oferece um olhar provocante e satírico sobre a busca por mobilidade social diante das contradições do sistema brasileiro. Marques, o protagonista, trabalha como repositor em um supermercado e lida com a rotina exaustiva de jornadas longas, salário-mínimo e condições precárias. Inconformado com essa realidade, aposta em uma tentativa ousada de ascensão: montar um esquema de comércio de maconha, apoiando-se nos conhecimentos adquiridos por meio de sua paixão pela leitura.

A narrativa expõe, de forma crítica, a desigualdade estrutural que empurra indivíduos à margem da sociedade, ao mesmo tempo em que sugere o conhecimento como uma possibilidade de ruptura com esse destino. Marques, ainda que inserido em um contexto de extrema vulnerabilidade, enxerga na leitura uma ferramenta para mudar de vida — e o faz de maneira radical. O presente artigo toma essa obra literária como ponto de partida para pensar a relação entre educação e mobilidade social, articulando o texto ficcional a debates sociológicos e jurídicos.

O estudo se propõe a investigar o fenômeno da mobilidade social, compreendido, segundo Schumpeter (1983), em conexão direta com o conceito de classe social. Para o autor, mobilidade não é apenas deslocamento individual, mas está ligada à capacidade de adaptação em meio a transformações econômicas impulsionadas por processos de inovação — o que ele denomina "destruição criativa". Esse processo, que elimina estruturas antigas para dar lugar ao novo, é um motor central do desenvolvimento, afetando também as oportunidades de ascensão.

A partir disso, este artigo articula dois eixos principais: o papel da educação — formal e informal — como via possível de mobilidade, e a leitura da obra *Os Supridores* como espelho das tensões sociais que atravessam essa trajetória. A pergunta que norteia a reflexão é direta: de que maneira o conhecimento, tal como aparece na trajetória de Marques, pode ser entendido como um instrumento de mobilidade social no Brasil?

A hipótese central é que o saber, mesmo quando construído fora dos espaços institucionais, carrega potência transformadora. Ainda que não resolva, por si só, as barreiras estruturais, o conhecimento pode abrir caminhos e ampliar horizontes — mesmo que de forma parcial e precária. O objetivo, portanto, é compreender como a educação, em suas diversas formas, pode funcionar como ferramenta concreta nas mãos de pessoas em situação de vulnerabilidade.

Para tanto, a análise se estrutura em três partes. Na primeira, exploram-se os principais aspectos da obra de Falero relacionados à mobilidade social. Na segunda, revisitam-se trabalhos acadêmicos sobre o tema. Na terceira, busca-se estabelecer um diálogo entre os dados das pesquisas e a experiência ficcional apresentada.

A abordagem escolhida para o desenvolvimento do artigo é a fenomenológica, com base na filosofia de Husserl (2006). O foco recai na experiência vivida, a partir da qual se constrói um olhar sensível e situado sobre o fenômeno investigado. O pesquisador, ao abandonar pressupostos prévios e colocar-se como sujeito aberto à escuta, tenta compreender o sentido que emerge do encontro com o objeto. O método de procedimento, por sua vez, apoia-se na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer (2004).

Gadamer propõe que todo ato de compreensão é, antes de tudo, um diálogo entre horizontes distintos — o do leitor e o do texto. Compreender, nesse sentido, não é apenas decifrar, mas se deixar afetar. O leitor, ao trazer sua bagagem para o encontro com a obra, transforma e é transformado. A isso o autor chama de “fusão de horizontes”. Não se trata de somar perspectivas, mas de permitir que o encontro gere novos sentidos. O texto deixa de ser uma peça fixa e passa a ser uma provocação viva.

Essa dinâmica é o que confere à literatura o seu poder de interpelação. Ao tocar o leitor, ela o desloca, convida à revisão de valores e o coloca diante de novas possibilidades de pensar em si mesmo e no mundo. É essa força que se busca mobilizar aqui: compreender *Os Supridores* não apenas como obra

de ficção, mas como denúncia e proposição. Um espelho que reflete a dureza da realidade brasileira, mas que também projeta possibilidades.

Com base nesse caminho metodológico, o artigo busca identificar elementos que ajudem a compreender o papel do conhecimento na mobilidade social, especialmente em contextos de exclusão. A escolha da obra se justifica justamente por sua força simbólica: ao colocar um leitor autodidata no centro de uma narrativa de resistência, José Falero abre espaço para discutir o que, de fato, significa aprender, ensinar e ascender no Brasil de hoje.

O que se segue, então, é a tentativa de responder à questão proposta e de delinear, a partir das entrelinhas da ficção e do pensamento social, os caminhos possíveis — e as armadilhas — que cercam o sonho da mobilidade.

2. BREVE SÍNTESE DA OBRA OS SUPRIDORES, DE JOSÉ FALERO

O protagonista de *Os Supridores*, Marques, trabalha como repositor em uma rede de supermercados. Exausto de uma “vida de merda” — expressão usada por ele mesmo na narrativa —, marcada por jornadas exaustivas, salário-mínimo, moradia precária, alimentação escassa e noites mal dormidas, começa a arquitetar formas de mudar sua realidade.

Apesar da condição de extrema vulnerabilidade social, Marques cultiva um gosto genuíno pela leitura. Lê de tudo: filosofia, sociologia, literatura. É desse repertório, construído ao longo de anos, que surge a ideia de empreender — ainda que fora da legalidade — no comércio de maconha.

A escolha pela maconha, segundo Marques, não é por acaso. Ele a considera menos nociva do que outras drogas, como o crack e a cocaína, além de ser um produto pouco valorizado pelos traficantes da região de Porto Alegre, cenário da trama. Por ser barata e volumosa, não atrai tanto interesse no mercado do tráfico.

A partir dessas observações e com base em seu conhecimento acumulado, Marques elabora um plano de distribuição que considera seguro e lucrativo. Para tocar o negócio, convida Pedro, um colega de trabalho, que, a princípio, enxerga a proposta como um devaneio — uma “viagem”, como ele mesmo define. Mas à medida que Marques explica o plano com desenvoltura, apoiando-se em argumentos e conceitos que aprendeu nos livros, Pedro acaba convencido.

Juntos, começam a organizar o negócio. Ao passo que as vendas aumentam, decidem recrutar outras pessoas. Mas o modo de organização que escolhem não segue o modelo tradicional de hierarquia ou exploração. Marques propõe uma divisão igualitária dos lucros: todos os envolvidos ganham a mesma quantia, inclusive ele, idealizador da operação. Essa escolha, inspirada em ideias que ele encontrou nas leituras sobre o marxismo, é também uma crítica direta ao sistema de exploração do trabalho que ele conhece de perto.

À proporção que o empreendimento cresce, os participantes — todos oriundos de situações sociais muito precárias — passam a experimentar mudanças concretas em suas vidas: conseguem comprar casas, carros, pagar por educação e saúde de qualidade para suas famílias. É por meio de um ato considerado criminoso, e talvez o único caminho viável dentro do contexto em que se encontram, que vislumbram alguma chance de mobilidade social.

A narrativa escancara uma realidade incômoda: se não fosse por esse desvio da legalidade, dificilmente teriam acesso a uma vida minimamente digna. É a partir desse recorte que se propõe a análise deste artigo. Interessa aqui compreender se — e como — o conhecimento pode funcionar como uma ferramenta de mobilidade social para pessoas cujos direitos são sistematicamente negados.

3. MOBILIDADE SOCIAL E EDUCAÇÃO: olhares científicos

Segundo Coelho e Sparemberger (2021), na obra *Os Supridores*, o autor não constrói um texto moralizante que busca indicar e denunciar o crime, mas sim transforma em literatura as possibilidades reais da população excluída, observando como o crime entra na vida das pessoas socialmente vulneráveis e como há a continuidade de sua prática no seio social. Nesse sentido, Coelho e Sparemberger (2021) apontam para os mecanismos do tráfico de drogas, porém, não se baseiam nesse mecanismo para a construção da narrativa, humanizando os responsáveis pelo crime e trazendo possibilidades de interpretação da realidade sem romantizações.

Dessa forma, pode-se observar que há uma mobilidade social dos personagens a partir das práticas do crime, tanto que, conforme Coelho e Sparemberger (2021), a partir de suas novas atividades vinculadas ao crime, os personagens vencem a fome e outras adversidades. Assim, é demonstrado que o desequilíbrio social causado por um sistema econômico que exclui e vulnerabiliza em suas manifestações gera esse tipo de atividade vinculado ao crime.

Vinculado ao tema do presente artigo, observa-se que a mobilidade social dos personagens da obra de José Falero aconteceu, porém, não por meio da educação formal. O personagem principal da obra, Marques, era um leitor voraz e estudava informalmente. Isso influenciou profundamente na organização do tráfico de drogas desenvolvido pelo grupo e, talvez, tenha até determinado o sucesso da atividade no decorrer do romance.

Algumas pesquisas no âmbito brasileiro, demonstram que a mobilidade social por meio da educação formal é efetiva. A análise de Ramos (2006 *apud* Lemos, Dubeux e Pinto, 2009) demonstra que o desemprego entre a população mais pobre é dezessete vezes maior que a população mais rica, isso levando em consideração a população que possui educação formal. Ou seja, mesmo com a educação formal, ainda há desigualdade com relação à empregabilidade. Apesar disso, a pesquisa de Lemos, Dubeux e Pinto (2009), a partir da entrevista de 98 pessoas formandas e egressas do curso de administração de uma instituição de ensino superior privada, mostra que a subjetividade das pessoas entrevistadas mudou após a conclusão do Ensino

Superior. Essa subjetividade apresentou traços de orgulho do *status* após a graduação e de pertencimento a uma elite intelectual. Porém, não foram demonstrados dados objetivos que pudessem comprovar a mobilidade socioeconômica dos participantes dessa pesquisa.

A pesquisa de Figueiredo (2006), além de ter descoberto as subjetividades acima descritas, em consonância com a pesquisa de Lemos, Dubeux e Pinto (2009), também verificou que em um grupo de sessenta egressos de instituições de ensino privadas da região metropolitana de São Paulo, entre eles 30 homens e 30 mulheres oriundos de cursos das macroáreas de ciências exatas, humanas e biológicas, expressam uma maciça sensação de ascensão social, ainda que não tenham sido acompanhadas de grande melhora financeira; ainda assim, a pesquisa constatou que a Educação Superior, instrumento de educação formal, é um instrumento de mobilidade social.

Na pesquisa de Osório (2004), o recorte foi distinto, realizando uma análise de acordo com o reconhecimento racial realizado pelo IBGE, foram analisadas a mobilidade social dos negros brasileiros. Assim, para o autor, há uma tese defendida por alguns autores que diz que:

o preconceito de classe seria preponderante em relação ao racial, que praticamente inexistiria. Tal tese, burilada em várias versões, constitui um dos pilares da ideologia da democracia racial, sendo frequentemente evocada como explicação das inegáveis desigualdades entre os negros e os brancos. De modo geral, os defensores dessa tese consideravam que a razão de os pretos e os mestiços serem maioria nas posições inferiores da hierarquia social era a proximidade histórica do período escravocrata, quando se encontravam na posição mais subalterna possível para um ser humano. Contudo, acreditavam, as diferenças socioeconômicas entre os negros e os brancos, progressivamente, tenderiam a desaparecer. Embora fartas evidências de estudos contemporâneos tenham demonstrado que tal previsão era ilusória, a ideia da preponderância das desigualdades de classe sobre as raciais permaneceu, difundida para o senso comum.

Osório (2004) demonstra que, de fato, essas teorias já não encontram razão de ser; a mobilidade social de negros no Brasil é muito mais influenciada por critérios fenotípicos do que por critérios econômicos, o que evidencia a influência do fator racial com maior preponderância na análise da temática.

Nesse sentido, da discussão da obra literária nesse trabalho analisada, é perceptível que todos os personagens que se uniram a Marques para a prática da atividade que esse concretizou, inclusive o próprio Marques, eram negros. Do que se aduz que, além do fato de não possuírem educação superior formal, ainda eram negros. Isso contribui ainda mais para o estado social no qual se encontravam os personagens, conforme já descritos. Assim, há uma conexão direta entre a realidade dos personagens da obra fictícia, mas extremamente representativa da realidade brasileira, com os fatos cientificamente analisados por esse trabalho.

O trabalho de Valladares (2009) demonstra uma importante variável com relação a análise da mobilidade social concretizada por meio da educação. A autora cunha um termo chamado de “nova favela” que defende a tese de que a favela é um ambiente diverso, questionando as teses anteriores de que a favela era um espaço homogêneo e defendendo que as favelas são espacialmente e culturalmente heterogêneas, conforme as pesquisas científicas realizadas (Machado da Silva, 1967; Leeds, 1969; Medina, 1969; Preteceille e Valladares, 2000; Alvito, 2001; Abramo, 2002; Souza e Silva, 2003; Piccolo, 2006)¹.

Assim, segundo Valladares (2009):

as favelas (que correspondem atualmente a cerca de mil aglomerados só no município do Rio de Janeiro) estão passando, a cada dia mais, por um complexo processo de diferenciação social, seguindo a tendência geral de mobilidade social por que passa a sociedade urbana brasileira (Scalon, 1999), onde a educação tem seu lugar.

A pesquisa de Valladares (2009) indica que a população de graduados ou graduandos que residem ou que tenham residido nas favelas tem aumentado, assim, existe uma mobilidade social referente à Educação Superior com relação à população que residiu ou reside nas favelas. Dessa forma, a pesquisa de Valladares (2009) demonstrou que essa população mencionada

1 Houve consulta dos mesmos trabalhos citados por Valladares (2009) que puderam verificar a heterogeneidade espacial e cultural das favelas.

no trabalho apresenta uma melhora na qualidade de vida de acordo com padrões objetivos quando concluem a Educação Superior.

Bourdieu (2007) teoriza que as maiores chances de acesso a posições de maior potencial no mercado de trabalho são das classes econômica, social e culturalmente mais favorecidas. Também demonstra que houve uma depreciação dos diplomas de cursos superiores em vistas da multiplicação do contingente dos diplomados, o que aumenta a conclusão do curso superior por parte das classes mais favorecidas do sistema de ensino (Bourdieu, 2007). Também, a posse do capital, que Bourdieu (2007) entende por capital econômico, cultural, social e simbólico, determina diretamente a posição de poder dos indivíduos e um habitat definido pela posse desse capital.

A pesquisa de Silva *et al.* (2014) evidenciou que o perfil socioeconômico da população analisada, a dizer 527 pessoas de 7 instituições superiores de ensino, demonstra uma relação de correlação com expectativas e concretizações profissionais, confirmando a teoria de Bourdieu (2007) acima mencionada.

Com isso, existe um perfil determinado e determinável que possui poucos elementos que favorecem a mobilidade social; os critérios aqui elencados foram o da raça (com a população negra menos favorecida), o econômico (com a população de baixa renda menos favorecida) e o cultural (moradores de favela, ainda que essas sejam cada vez mais heterogêneas).

4. DISCUSSÃO DA OBRA OS SUPRIDORES A PARTIR DOS DADOS ELENCADOS

As teorias e pesquisas sociológicas aqui trazidas demonstram um perfil no qual, por meio da educação, existe uma mobilidade social mais restrita. Ainda que existam dificuldades de mobilidade social mesmo com a educação formal de uma parcela da população mais vulnerável, é importante refletir sobre

o que nos demonstra a conexão entre o Direito e a Literatura na obra *Os Supridores*, de José Falero.

No primeiro ponto, existe um desfavorecimento multifacetado dos personagens da obra literária acima mencionada. Os personagens principais da obra são negros, pobres e não possuem educação formal, sendo que todos ganham um salário-mínimo ou menos mensalmente. A possibilidade de mobilidade social por meio das vias formais é mínima.

Marques, o personagem principal, constata isso claramente ao longo da obra e, por meio de seu conhecimento informal desenvolvido por meio de leituras filosóficas, políticas, econômicas e literárias, prevê que seria impossível “melhorar de vida” pelas vias tradicionais e legais. Nesse ponto, há uma quebra com a estrutura jurídica, um afrontamento causado pela falta de reconhecimento do sistema para com a condição de sujeito que merece ser tratado com dignidade.

A representação dessa colisão na obra literária aqui analisada é a criação de uma atividade de crime organizado de tráfico de drogas, que, para os personagens que desenvolviam essa atividade, mesmo correndo muitos riscos, inclusive de perder a vida, ainda valia à pena em detrimento da “vida de merda” (palavras do personagem principal, Marques) que viviam. Nesse sentido, a possibilidade de mobilidade social, diante da impossibilidade pelas vias formais e juridicamente bem encaixadas e aceitas, encontra-se no exercício de uma atividade juridicamente ilícita no Brasil.

A obra literária analisada demonstra a crueldade de um sistema que quase obriga o cometimento do crime ao se levar em consideração o desejo de mobilidade social, o que também é previsto, de certo modo, por Bourdieu (2007), quando demonstra a estaticidade da manutenção de poderes diante da maior posse dos capitais.

Também é interessante notar que, mesmo que o conhecimento do personagem principal (Marques) fosse informal, foi ele que permitiu que o negócio obtivesse sucesso, o que possibilitou uma mobilidade social poderosa aos personagens do livro, sendo interrompida pela frustração do negócio, com

a morte de um dos integrantes da quadrilha (Luan) em um confronto de domínio territorial, e da prisão dos outros, incluindo Marques.

Nesse sentido, a pesquisa de Valladares (2009) é preciosa ao apontar as diversificações de conhecimento feito no âmbito das favelas. Assim, a educação trazida e possibilitada no ambiente da favela por meio de ONGs, projetos sociais, acesso à internet e saneamento básico permite que os indivíduos e a coletividade reflitam sobre os seus papéis e façam escolhas que possibilitem uma maior mobilidade social. Na obra literária analisada, não se sabe ao certo como o personagem principal desenvolveu seu gosto por leitura, porém, ainda que de modo ilícito diante da impossibilidade causada por um sistema fechado de manutenção de poder, foi essa educação informal que o permitiu ascender socialmente.

Para Bourdieu (2007), a posição dos indivíduos na sociedade é influenciada pela posse de capitais – econômico, cultural, social e simbólico –, que determinam seu acesso às posições de maior privilégio e influência. Marques, o protagonista, representa um exemplo claro de um indivíduo que, desprovido desses capitais, encontra-se confinado a um *habitus* que restringe suas possibilidades de ascensão pela via formal.

No contexto da obra, o capital cultural é exemplificado pelo conhecimento que Marques adquire por meio da leitura informal, o que lhe permite desenvolver habilidades cognitivas que poderiam ser utilizadas para prosperar, caso ele estivesse em uma estrutura de oportunidades mais acessíveis e justas. No entanto, essa aquisição de conhecimento, por não possuir a legitimidade e o reconhecimento institucional (como diplomas ou credenciais), não se converte em capital social ou econômico de forma eficiente, sendo insuficiente para promover sua ascensão social pelas vias tradicionais.

Essa limitação evidencia o que Bourdieu descreve como o monopólio da elite sobre os capitais valorizados, onde aqueles que detêm o poder econômico e cultural consolidam o *status quo*, mantendo a estrutura rígida que exclui indivíduos como Marques. Ao criar um comércio de drogas, Marques

adentra o espaço da “destruição criativa” de Schumpeter, mas no sentido de Bourdieu, ele ainda está imerso em um “campo” social que o rotula e marginaliza devido à falta de capital simbólico legítimo. A ascensão que Marques busca não é reconhecida pela sociedade, pois ocorre fora das normativas aceitas e, ao invés de legitimar sua posição, acentua ainda mais sua exclusão social.

A obra, portanto, denuncia a crueldade de um sistema que, ao desconsiderar formas alternativas de conhecimento e ascensão, acaba por empurrar indivíduos para caminhos ilícitos, como uma resposta inevitável às limitações impostas. Marques é um reflexo da realidade brasileira, onde aqueles que carecem de capital institucionalizado encontram barreiras intransponíveis em um sistema que privilegia o reconhecimento formal e a transmissão hereditária de capital.

Para aprofundar a análise da mobilidade social explorada em *Os Supridores*, a teoria de Schumpeter, em sua noção de destruição criativa, oferece um arcabouço importante. Segundo Schumpeter (2023), o progresso econômico e a mobilidade social estão intrinsecamente ligados à capacidade dos indivíduos de adaptar-se e prosperar em um ambiente marcado pela inovação disruptiva, que modifica e reorganiza as estruturas sociais e econômicas preexistentes. No entanto, a obra de Falero revela as limitações dessa visão idealizada quando aplicada aos contextos de extrema desigualdade e escassez de capital, como os enfrentados pelo personagem Marques.

No caso de Marques, a “destruição criativa” toma uma forma não convencional e trágica: ele adota um caminho de inovação informal e ilegal para desafiar as barreiras que a estrutura social impõe a ele. Esta decisão, embora inovadora, não ocorre nas condições ideais de um ambiente econômico dinâmico e favorável à mobilidade, mas sim em um contexto em que a inovação ocorre fora da lei e, em última análise, leva à desintegração pessoal e comunitária. Schumpeter sugere que a inovação gera novas oportunidades ao substituir práticas obsoletas, mas a história de Marques evidencia uma realidade onde o acesso a oportunidades é limitado e os

indivíduos são frequentemente forçados a adotar práticas ilícitas como única forma de ruptura com o *status quo*. Essa adaptação cria uma "destruição criativa" inversa, onde o progresso individual é alcançado às custas da estabilidade social e, eventualmente, da própria vida do protagonista e de seus companheiros.

O progresso econômico e social, em vez de se estruturar pela inovação saudável, acaba por empurrar a população menos favorecida para "inovações" informais que minam as normas legais e os direitos humanos básicos. Assim, a obra de Falero dialoga criticamente com o conceito schumpeteriano ao demonstrar que a mobilidade social não é acessível para todos de forma legítima e que o capital – cultural, econômico e social – limita radicalmente as opções daqueles que desejam transcender sua condição social inicial.

Diversas pesquisas quantitativas confirmam que a educação, embora essencial, não é suficiente para garantir mobilidade social em contextos de profunda desigualdade estrutural, como o brasileiro. A obra *Os Supridores*, de José Falero, oferece uma representação ficcional que dialoga intensamente com esse diagnóstico, evidenciando as limitações enfrentadas por sujeitos socialmente vulneráveis, mesmo quando buscam conhecimento e alternativas éticas de ascensão.

Segundo dados da *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua* (PNAD Contínua, IBGE, 2021), cerca de 40% da população economicamente ativa no Brasil possui ensino médio completo ou incompleto como maior nível de escolaridade, mas grande parte dessas pessoas permanece em ocupações de baixa remuneração, informalidade e alta rotatividade. A mobilidade social, nesses casos, encontra um teto baixo. Além disso, conforme estudo da Fundação Getúlio Vargas (Neri, 2018), um jovem nascido entre os 20% mais pobres da população brasileira tem apenas 4% de chance de atingir os 20% mais ricos ao longo da vida — taxa muito inferior à de países da OCDE. Isso revela um grau alarmante de imobilismo social.

É exatamente esse bloqueio estrutural que a narrativa de Falero explicita por meio do personagem Marques. Jovem negro, periférico, sem

acesso à educação formal de qualidade e com um histórico de precarização do trabalho, Marques representa um tipo social bastante comum nas periferias urbanas brasileiras. Ele percebe, ao longo de sua vivência, que o esforço por “melhorar de vida” por vias legais não encontra correspondência nas oportunidades concretas que o sistema lhe oferece.

Essa percepção é confirmada em pesquisa realizada pelo Instituto Data Favela (2022), que revela que 76% dos jovens de comunidades brasileiras não acreditam que conseguirão ascender socialmente por meio do trabalho formal ou dos estudos, apesar de 93% afirmarem que gostariam de continuar estudando.

É nesse ponto em que a ficção e a sociologia convergem. A obra de Falero denuncia, com sensibilidade e realismo, que o sistema jurídico e econômico brasileiro, ao negar reconhecimento institucional a formas informais de saber, fecha as portas para sujeitos como Marques, que mesmo sendo autodidata e criativo, não encontra legitimidade para transformar seu conhecimento em capital reconhecido — seja ele econômico, social ou simbólico.

A leitura informal, que lhe proporciona uma visão crítica do mundo, é funcional para montar um empreendimento próprio, mas é insuficiente para garantir reconhecimento institucional ou estabilidade. Assim, a ascensão obtida é passageira, precária e, sobretudo, criminalizada.

A escola — instituição formal de produção e validação do saber — também atua como mecanismo de reprodução das desigualdades. O capital cultural herdado de famílias escolarizadas em uma visão bourdieusiana (como hábitos de leitura, linguagem formal, repertório de mundo) é valorizado pela escola, enquanto o saber adquirido em contextos periféricos tende a ser desqualificado.

No caso de Marques, a leitura feita por conta própria não é legitimada como credencial válida no “campo” social dominante, tornando sua tentativa de ascensão um ato de insurgência contra esse monopólio simbólico.

Além disso, estudos como o de Valladares (2009) reforçam a complexidade das dinâmicas de conhecimento em territórios populares. A autora demonstra como, nas favelas, o saber é construído de forma coletiva, cotidiana, muitas vezes mediado por ONGs, redes de solidariedade e acesso fragmentado a tecnologias.

Esse conhecimento, embora não certificado, cumpre um papel fundamental na formação crítica e na capacidade de organização comunitária. A trajetória de Marques ilustra exatamente isso: um sujeito que, fora da escola, encontra na leitura uma ferramenta de empoderamento e ação, ainda que restrita a caminhos considerados ilegítimos pelo sistema legal.

Nesse ponto, a teoria da “destruição criativa”, formulada por Joseph Schumpeter, ganha um contorno irônico e trágico. A inovação, no caso de Marques, não surge no mercado legal, mas sim como uma resposta informal — e criminalizada — à ausência de alternativas.

A nova estrutura que ele propõe (um empreendimento cooperativo, com divisão igualitária dos lucros) é, paradoxalmente, mais justa do que as estruturas tradicionais de trabalho precarizado, que ele próprio vivencia no supermercado. Contudo, como a inovação de Marques se dá fora dos marcos da legalidade e sem capital simbólico reconhecido, ela acaba levando à desintegração: morte, prisão e reforço do estigma.

Dados do *Fórum Brasileiro de Segurança Pública* (2022) mostram que a juventude negra e periférica está super-representada nos sistemas de repressão penal e sub-representada no acesso à educação superior e ao mercado de trabalho formal. A narrativa de Falero, portanto, não exagera: ela retrata um ciclo de exclusão onde o saber informal não encontra canais legítimos de valorização e, por isso, é desviado — ou melhor, empurrado — para caminhos marginais.

Conclui-se, assim, que a educação é, sem dúvida, um elemento relevante para a mobilidade social, mas não atua sozinha. O acesso aos capitais simbólicos, econômicos e sociais, conforme proposto por Bourdieu

(2007), é o que condiciona de fato a possibilidade de ascensão em sociedades desiguais como a brasileira.

A trajetória de Marques revela que, quando esses capitais são inacessíveis ou deslegitimados, a educação — por mais potente que seja — não consegue cumprir a promessa de mobilidade. A literatura, nesse caso, não apenas representa uma realidade, mas denuncia, com força poética e política, as contradições de um sistema que promete ascensão, mas entrega exclusão. Existem elementos profundos que garantem a baixa mobilidade social da sociedade brasileira, como a construção de um habitat de manutenção de poder e a posse de capitais econômicos, sociais e culturais, conforme a teoria de Bourdieu (2007) já exposta.

5. CONCLUSÕES

A obra *Os Supridores*, de José Falero, constrói uma narrativa densa e perturbadora sobre a busca por mobilidade social em um cenário marcado pela exclusão. O protagonista, Marques, vive a precariedade em sua forma mais crua: longas jornadas de trabalho, salário-mínimo, moradia insalubre e ausência de perspectivas reais.

É nesse contexto que ele transforma seu gosto autodidata pela leitura - que vai da filosofia à sociologia - em estratégia de sobrevivência, organizando um empreendimento ilegal de tráfico de drogas. O que à primeira vista pode parecer um gesto de transgressão é, na verdade, a denúncia de um sistema que não oferece alternativas viáveis para ascensão social fora das rotas formais e normativas.

A obra revela, de maneira visceral, a desigualdade estrutural que empurra sujeitos historicamente marginalizados para caminhos considerados ilícitos. Mais do que uma crítica moral ou legal, o livro levanta um questionamento profundo: até que ponto as vias socialmente aceitas de mobilidade estão, de fato, disponíveis a todos? Marques compreende, pela

experiência e pela reflexão, que o ideal meritocrático - segundo o qual a educação formal garantiria o progresso - não se sustenta para quem nasce à margem do sistema.

A literatura de Falero se entrelaça com os achados da sociologia contemporânea. Pesquisas sobre mobilidade social no Brasil apontam para um quadro de rigidez intergeracional. A cor da pele, o CEP de nascimento e o nível educacional dos pais ainda são determinantes para o destino dos filhos.

Mesmo entre os que conseguem acesso à educação formal, as chances de ascensão significativa são baixas, sobretudo para pessoas negras e oriundas das periferias. Assim, a educação cumpre uma função ambígua: enquanto discurso, é instrumento de emancipação; enquanto prática institucional, frequentemente opera como dispositivo de reprodução das desigualdades.

A trajetória de Marques ilustra esse paradoxo. Sem diploma, mas com bagagem intelectual construída por meio da leitura e da observação crítica, ele desenvolve habilidades de gestão, estratégia e liderança. No entanto, seu conhecimento, por não estar validado por títulos ou instituições, permanece invisível ao olhar meritocrático.

A única via possível de reconhecimento - ainda que efêmero e arriscado - é a informalidade, o crime, a margem. A ascensão que Marques alcança, apesar de ser fruto direto de sua competência e visão, é criminalizada, pois rompe com os canais autorizados de mobilidade.

Nesse ponto, a narrativa tensiona de forma contundente a noção de mérito. A experiência de Marques evidencia que, em um sistema profundamente desigual, o mérito é menos uma conquista e mais um privilégio herdado. Aqueles que não detêm capital cultural, econômico ou simbólico suficiente dificilmente conseguem acessar as estruturas que legitimam o sucesso.

Assim, o mérito se converte em uma ficção útil para manter intactas as hierarquias sociais. Falero, com aguda precisão, mostra-nos que, para muitos, o caminho da legalidade não é apenas difícil — é estruturalmente bloqueado.

A crítica embutida na obra também ilumina o papel limitado da educação como motor de transformação social. Não se trata de negar seu valor, mas de evidenciar que ela, sozinha, não é capaz de romper as barreiras impostas por um sistema que valoriza apenas determinadas formas de saber.

Para que a educação cumpra um papel verdadeiramente emancipador, é necessário que ela dialogue com as realidades concretas da população vulnerável, reconhecendo saberes populares, trajetórias informais e formas não convencionais de aprendizagem. A exclusividade conferida ao diploma, ao currículo formal, ao saber codificado exclui milhares de sujeitos que produzem conhecimento relevante, mas fora dos espaços legitimados.

Nesse sentido, *Os Supridores* se insere no campo do Direito e Literatura como uma obra que não apenas ilustra conflitos jurídicos, mas questiona os próprios fundamentos da legalidade e da justiça social.

A legalidade, tal como operada na sociedade brasileira, não é neutra: ela privilegia determinados sujeitos e condena outros a um espaço de invisibilidade ou criminalização. A escolha de Marques por um caminho ilegal não nasce da vontade de delinquir, mas da constatação brutal de que a legalidade lhe nega até mesmo a dignidade básica. Trata-se de uma resposta desesperada — e profundamente racional — a um sistema que promete igualdade, mas opera pela exclusão.

Portanto, a obra ultrapassa o plano da crítica moral ou individual e nos convoca a um exame estrutural. Questiona-se aqui o próprio modelo de desenvolvimento social que temos adotado: um modelo que naturaliza a desigualdade, legitima a herança de privilégios e transforma a ascensão em exceção. O que Falero nos oferece, com sua literatura contundente, é a denúncia de um país onde a mobilidade social, longe de ser um direito, é um privilégio restrito a quem já nasce com o passaporte certo.

Concluir que a educação é importante seria insuficiente e quase ingênuo diante da profundidade da crítica apresentada. A questão central não é apenas garantir acesso à escola, mas repensar os critérios de validação do

saber, redistribuir os capitais simbólicos e culturais e reformular a estrutura legal que criminaliza a luta por dignidade.

Os *Supridores* nos obriga a reconhecer que, enquanto a justiça social não for acompanhada por uma transformação real das condições de acesso à cidadania plena, o sistema continuará empurrando sujeitos como Marques para a ilegalidade — não por escolha, mas por exclusão.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Pedro. Uma teoria econômica da favela: Quatro notas sobre o mercado imobiliário informal em favelas e a mobilidade residencial dos pobres. **Cadernos Ippur**, ano XVI, n. 2, ago/dez, p. 103-134, 2002.

ALVITO, Marcos. **As cores de Acari, uma favela carioca**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

COELHO, Lisiani; SPAREMBERGER, Alfeu. Os supridores, de José Falero: A Periferia do Rio Grande do Sul em Foco. **UniLetras**, v. 43, p. 1-8, 2021.

DATA FAVELA; CATALISE SOCIAL; CUFA. **A cara da juventude periférica brasileira**. 2022. Disponível em: <https://www.datapopular.com.br>. Acesso em: 17 jun. 2025.

FALERO, José. **Os supridores**. Todavia, 2020.

FIGUEIREDO, Fábio Ferreira. **Educação superior e mobilidade social: limites, possibilidades e conquistas**. 2006. 242 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022**. São Paulo: FBSP, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br>. Acesso em: 17 jun. 2025.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – FGV SOCIAL. **Desigualdade de oportunidades e mobilidade intergeracional no Brasil**. Coord. Marcelo Neri. Rio de Janeiro: FGV, 2018. Disponível em: <https://cps.fgv.br>. Acesso em: 17 jun. 2025.

GADAMER, H. G. **Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GRÁCIO, Sérgio. **A mobilidade social revisitada**. 1997.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 17 jun. 2025.

LEEDS, Anthony, **The Significant Variables Determining the Character of Squatter Settlements**. América Latina, Vol. 12, no 3, jul/set, pp. 44-86, 1969.

LEMO, Ana Heloisa da Costa; DUBEUX, Veranise Jacobowski Correia; PINTO, Mario Couto Soares. Educação, empregabilidade e mobilidade social: convergências e divergências. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 7, p. 368-384, 2009.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. A política na favela. **Cadernos Brasileiros**, no 41, mai/jun, p. 35-47, 1967.

MEDINA, Carlos Alberto de. A favela como uma estrutura atomística: Elementos descritivos e constitutivos. **América Latina**, Vol. 12, no 3, jul/set, pp.112-136, 1969.

OSORIO, Rafael Guerreiro. **A mobilidade social dos negros brasileiros**. 2004.

PICCOLO, Fernanda Delvalhas. A gramática nativa: Reflexões sobre as categorias morro, rua, comunidade e favela. Em: FRÚGOLI JR., Heitor *et al.* (orgs). **As cidades e seus agentes: Práticas e representações**. Belo Horizonte, Editora PUC Minas/Edusp, pp. 330-352, 2006.

PRETECEILLE, Edmond [e] VALLADARES, Licia. Favela, favelas: Unidade ou diversidade da favela carioca. Em: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz (org). **O futuro das metrópoles: Desigualdades e governabilidade**. Rio de Janeiro, Revan/Fase, pp. 375-403, 2000.

SCHUMPETER, J. Les classes sociales en milieu ethnique homogène. **Impérialisme et classes sociales**, p. 174-175, 1972.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Edipro, 2023.

SILVA, Lindomar Pinto et al. Educação Superior, Mobilidade Social e Expectativa Profissional: uma análise à luz da sociologia da educação. **Gestão & Planejamento-G&P**, v. 16, n. 1, 2014.

SOUZA E SILVA, Jailson de. **Por que uns e não outros?** Caminhada de jovens pobres para uma universidade. Rio de Janeiro, Sete Letras, 2003.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem à favela.com**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009.

VALLADARES, Licia. Educação e mobilidade social nas favelas do Rio de Janeiro: o caso dos universitários (graduandos e graduados) das favelas. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 2, n. 5-6, p. 153-172, 2009.

SUBMETIDO | *SUBMITTED* | *SOMETIDO* | 25/11/2024

APROVADO | *APPROVED* | *APROBADO* | 08/07/2025

REVISÃO DE LÍNGUA | *LANGUAGE REVIEW* | *REVISIÓN DE LENGUAJE*

Giulia Zuccoli Barbosa

SOBRE O AUTOR | *ABOUT THE AUTHOR* | *SOBRE EL AUTOR*

HUGO PAIVA BARBOSA

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Doutorando em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestre em Direito e Inovação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Especialista em Direito Civil e Direito Processual Civil pela Escola Brasileira de Direito. Especialista nas áreas multidisciplinares de Análise de Dados, Gestão de Negócios e Marketing Estratégico Digital pela Uniamérica Centro Universitário. Bacharel em Direito pela UFJF. Professor. E-mail: hugopaivabarbosa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0465-7555>.